

ENTRE O RIO DE JANEIRO E ODESSA: UMA COMPARAÇÃO ENTRE OS CATÁLOGOS DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO BRASIL E DA RÚSSIA NO SÉCULO XIX

Larissa de Assumpção¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma comparação entre os romances presentes nos catálogos de 1901 e 1903 da Biblioteca Pública de Odessa e no catálogo de 1906 do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Essa comparação permite que se identifique quais são as semelhanças e diferenças entre os dois acervos para, assim, encontrar indícios sobre o que era lido no império russo e no brasileiro em um mesmo período. Os resultados desta pesquisa mostram que as duas bibliotecas possuíam catálogos muito semelhantes, em que se destacam os mesmos autores e línguas de edição. Dessa maneira, percebe-se que as duas faziam parte de um mesmo contexto de circulação de impressos.

Palavras-chave: Biblioteca; Rússia; Brasil, romance

Os catálogos de bibliotecas têm sido utilizados, dentro das pesquisas de História Cultural, como uma importante fonte de indícios sobre os livros que circularam em um determinado período e que estavam disponíveis ao público leitor de um lugar específico². Por meio deles, é possível compreender melhor o contexto em que determinadas obras circularam, bem como a materialidade dos livros que as bibliotecas possuíam e o processo de formação de seu acervo. Além disso, as comparações entre dados como língua de edição, autores e obras mais presentes em dois ou mais catálogos permite a identificação das semelhanças e diferenças entre os acervos das bibliotecas.

Por isso, o objetivo deste artigo é realizar comparações entre os tomos de 1901 e 1903 do catálogo da Biblioteca de Odessa e um catálogo de livros do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, publicado em 1906. Apesar de os livros presentes nesses catálogos não revelarem necessariamente quais eram os gostos do público leitor russo e brasileiro em um mesmo período, eles podem trazer importantes indícios sobre quais obras estavam circulando nos dois países em um mesmo momento

¹ Graduada em Estudos Literários (Unicamp), Mestra em Teoria e História Literária (Unicamp). Contato: larissadeassumpcao@gmail.com. Essa pesquisa foi realizada com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), durante a minha pesquisa de mestrado (processo nº2016/06129-3)

² Como exemplo de pesquisas que utilizaram catálogos como fonte primária, ver: PAIXÃO, Alexandro Henrique. Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. SCHAPOCHNIK, Nelson. Os jardins das delícias: Gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção de Doutor em História. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo, 1999.

e, dessa forma, ajudar na compreensão do processo de circulação transatlântica de impressos do século XIX.

A formação das bibliotecas e as cidades de Odessa e do Rio de Janeiro

Apesar de serem bastante distantes geograficamente, as cidades de Odessa e do Rio de Janeiro compartilhavam algumas características, no período estudado, que tornam possível a comparação entre os catálogos de suas bibliotecas. Ambas, por exemplo, se desenvolveram bastante no século XIX e tinham uma população formada em grande parte por comerciantes e por imigrantes, o que fez com que elas pudessem ter um público leitor com uma formação semelhante.

A cidade de Odessa, que hoje está localizada na Ucrânia, mas que, no período estudado, fazia parte do Império Russo, foi fundada em 1794, devido à forte influência da imperatriz Catarina II, que desejava que o local desenvolvesse um dos maiores portos da região para se tornar um centro de comércio e exportação (HERLIHY, 1986, p. 7). Para atingir esse objetivo, a imperatriz ofereceu vantagens aos imigrantes que quisessem se estabelecer no local, como a tolerância religiosa e a isenção de impostos (*Idem*, p. 16 e 17). Essas medidas, somadas à proximidade do município com o Mar Negro, fizeram com que ele atraísse pessoas de diferentes partes do mundo, formando uma população com diferentes nacionalidades e falante de diversas línguas. Entre seus habitantes estavam os gregos, moldavos, armênios, suíços, italianos, ingleses, portugueses e alemães, além muitos judeus (*Idem, ibidem*), que tiveram um papel importante no desenvolvimento da região.

Esse desenvolvimento de Odessa ocorreu em grande parte ao longo do século XIX, quando ela se tornou a quarta maior cidade do Império Russo, atrás apenas de São Petersburgo, Moscou e Varsóvia (HERLIHY, 1986). Segundo Patrícia Herlihy (*Idem*, p. 37), sua primeira imprensa abriu em 1814 – em um período, portanto, muito próximo à instalação da primeira tipografia no Brasil – e sua primeira biblioteca pública, cujo catálogo será analisado neste trabalho, foi fundada em 1830. Esse estabelecimento foi, desde o seu início, frequentado pelo público de maneira gratuita, ou seja, ele não exigia que fosse paga nenhum tipo de subscrição para que as pessoas pudessem ler seus livros.

O Rio de Janeiro teve uma formação bastante diferente. Essa cidade foi fundada em 1565, por Estácio de Sá, durante o processo de colonização do Brasil. No início, a

região tinha poucas construções e tinha forte presença de indígenas e jesuítas (ENDERS, 2015). No entanto, sua população cresceu ao longo do tempo, e logo foi feita a construção de alguns prédios importantes, como a Casa da Câmara, a Fazenda, a Casa da Moeda e os Armazéns Reais, fundadas no século XVII (SCWARCZ & STARLING, 2015, p. 176). Além disso, é preciso destacar que o município atraía, assim como Odessa, imigrantes de diferentes partes do mundo, e também funcionou como local de importação e exportação de diferentes produtos, devido à sua proximidade com o mar.

O grande desenvolvimento do Rio de Janeiro, porém, se deu após 1808, com a chegada da Família Real Portuguesa. Nesse período, foi fundada a Imprensa Régia, que permitiu que livros fossem impressos no Brasil. O governo também investiu na construção de instituições científicas e culturais, como o Museu Real, a Escola Real de Ciência, Artes e Ofícios e a Real Biblioteca³. Após a Proclamação da Independência, em 1822, os esforços para construir instituições continuou, o que permitiu a criação de espaços como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Faculdade de Medicina e diversas bibliotecas, como o Gabinete Inglês de Leitura (1826), a Biblioteca Fluminense (1847), o Retiro Literário Português (1859) e muitos outros.

O Gabinete Português de Leitura, cujo catálogo será discutido mais adiante, foi fundado em 1837, por uma associação de portugueses, com o objetivo de servir como um espaço onde os lusitanos residentes no Brasil pudessem conviver. Além disso, o estabelecimento visava manter uma memória da cultura portuguesa em solo brasileiro. Esse objetivo principal da biblioteca teve influência na construção do seu acervo de romances, como veremos mais adiante. Outro fator que é necessário considerar é que o gabinete exigia que os leitores pagassem uma subscrição de 12\$000 anuais para frequentar seu acervo, fato que também pode ter influenciado na sua formação de seu acervo, que precisava agradar ao público leitor.

Outro ponto importante que deve ser levado em consideração antes de iniciar a análise das bibliotecas é o número de pessoas alfabetizadas em Odessa e no Rio de Janeiro no período em que os catálogos foram publicados. Afinal, esses dados podem

³ Para mais informações sobre o desenvolvimento do Rio de Janeiro no século XIX, ver: SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

trazer indícios sobre o número de pessoas que poderiam frequentar as bibliotecas, caso isso fosse de seu interesse.

Um censo de 1897, realizado em Odessa, revela que, dos 403.815 habitantes da cidade do período, 57,87% (233.687 pessoas) eram alfabetizados (HERLIHY, 1986, p. 243). Em uma pesquisa semelhante, realizada no Rio de Janeiro, em 1900, consta que o índice de alfabetização do município era de 51,9%, porcentagem bastante próxima à da população de Odessa. Nesse período, a cidade contava com 811.443 habitantes, o que revela que, dessas pessoas, cerca de 421.072 sabiam ler e escrever⁴. Esses números mostram que as duas cidades continham um número considerável de possíveis leitores, que poderiam frequentar os estabelecimentos cujos catálogos serão analisados a seguir.

A comparação entre as línguas e autores mais presentes nos catálogos das bibliotecas

O catálogo da Biblioteca Pública de Odessa que será analisado foi, como já dito anteriormente, publicado em dois tomos diferentes, sendo um de 1901 e o outro de 1903. O primeiro deles contém obras que têm o russo como língua original ou que foram escritas em outras línguas, mas que estão na biblioteca em traduções para o russo. O segundo tomo é mais abrangente, pois é escrito em russo e francês e contém os livros estrangeiros presentes no acervo em língua original.

Segundo o levantamento realizado, o primeiro tomo contém 1.827 títulos na seção de Literatura, dos quais 1.376 (75%) correspondem a obras ficcionais. O segundo tomo contém 1.899 obras na parte de literatura, das quais 798 (42%) são ficcionais. Esses dados revelam como a prosa de ficção foi um gênero que teve ampla circulação não somente no Brasil e na Europa central do período⁵, mas também em países geograficamente mais distantes, como a Rússia. A

O catálogo do Gabinete Português de Leitura que será analisado continha, em 1889, cerca de 32.000 obras e mais de 64.000 volumes. Desse número, 5.841 (18%) estão presentes na seção do catálogo destinada a romances, contos e novelas. Como é

⁴ Para saber mais informações sobre a população do Rio de Janeiro em 1900, ver: *Recenseamento do Rio de Janeiro (distrito federal)*. Rio de Janeiro: Oficina da Estatística, 1907. p. 13. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv49678.pdf>. Acesso em 08 set. 2019.

⁵ Para saber mais sobre a circulação de romances no século XIX, ver: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008. ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

possível perceber, apesar de essa porcentagem ser menor do que a do catálogo russo, ela corresponde a um número maior de obras, pois o acervo da biblioteca do Gabinete é muito maior do que o da Biblioteca de Odessa do período. Esse dado pode ser um indício de que as bibliotecas que funcionavam por subscrição precisavam oferecer uma grande variedade de títulos aos seus leitores, para que eles continuassem a pagar as subscrições e a frequentar a bibliotecas.

Apesar das diferentes nos números de romances, ambas as bibliotecas continham uma quantidade significativa de títulos que estavam disponíveis aos seu público, o que mostra como, nos dois países, o público parecia gostar dos livros pertencentes a esse gênero literário. A quantificação das línguas em que foram publicadas essas obras permite compreender melhor de onde eram esses livros, trazendo indícios sobre a sua origem e o caminho que eles fizeram para chegar às bibliotecas. Esses dados podem ser observados nos gráficos a seguir:

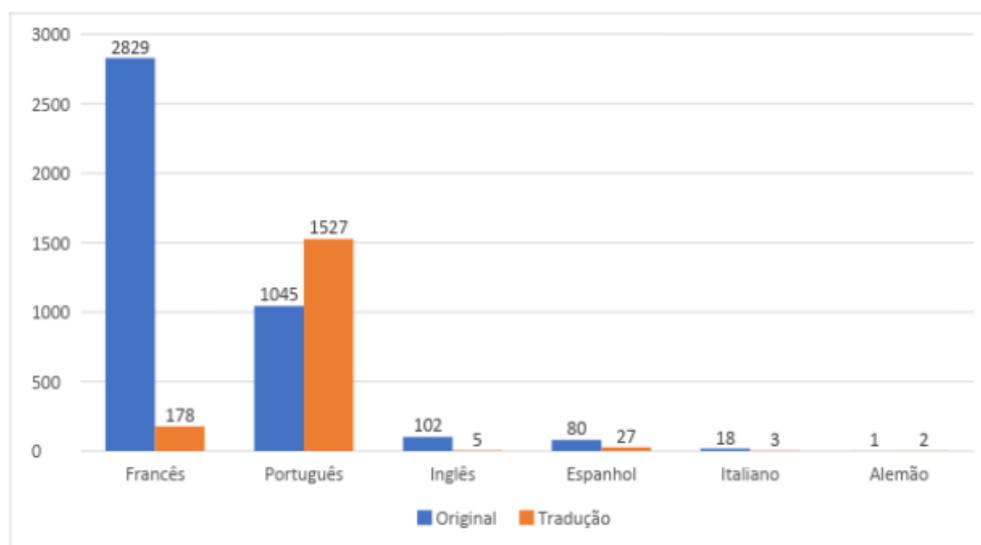


Gráfico 1: Línguas de edição das obras presentes no catálogo de 1906 do Gabinete Português de Leitura

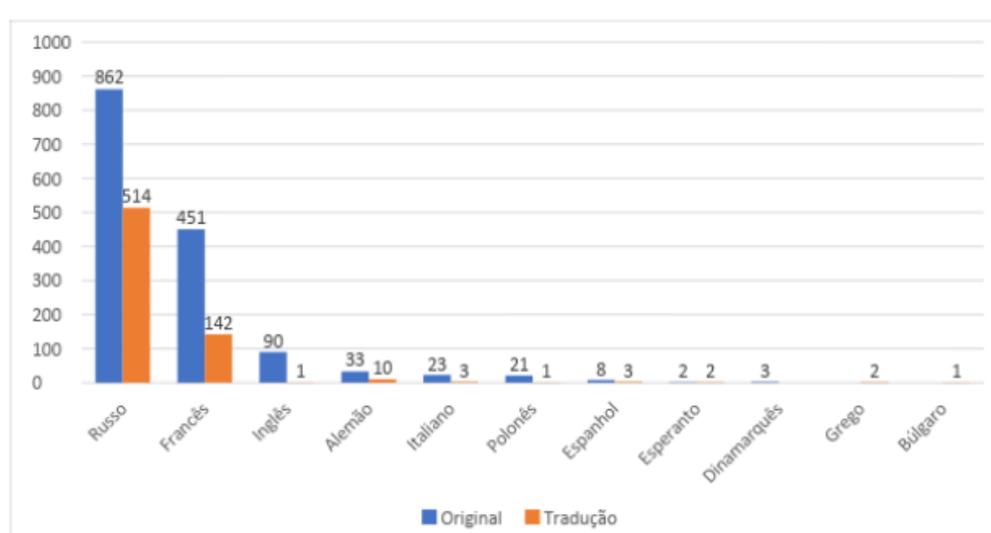


Gráfico 2: Línguas de edição das obras presentes na Biblioteca Pública de Odessa

Há algumas características interessantes nesses dados que merecem ser destacadas. A primeira delas é o fato de a Biblioteca Pública de Odessa conter uma variedade maior de línguas de edição do que o Gabinete Português. Uma possível explicação para isso é o fato de o estabelecimento português ter como seu objetivo principal a divulgação da cultura lusitana, o que provavelmente fez com que seus dirigentes não estivesse preocupados com a variedade de línguas no acervo. Porém, não é possível deixar de levar em consideração que, como já dito anteriormente, a biblioteca se mantinha por meio do pagamento de subscrições, o que tornava necessário que o seu acervo agradasse ao público leitor. Como já foi mencionado anteriormente, os leitores cariocas faziam parte de uma população composta por imigrantes de diferentes países, como a Itália, a Espanha, a Inglaterra e a França. Segundo Sidney Chalhoub (2001), o grande fluxo migratório para a cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, fez com que a sua população, em 1890, fosse composta por 30% de estrangeiros. Além disso, segundo Alexandre Paixão (2012), os leitores que frequentavam o gabinete apreciavam os romances franceses. Em sua tese de doutorado, ele mostra como o público leitor que frequentava o Gabinete Português de Leitura, formado por pequenos comerciantes, se sentia atraído cultura francesa e por seus romances.

O fato de o público que frequentava o gabinete provavelmente ser composto por pessoas de diferentes nacionalidades e que tinham uma preferência pelo romance francês revela os possíveis motivos pelos quais esse estabelecimento não contava

apenas com obras escritas em português, apesar do seu objetivo inicial. Afinal, era necessário agradar ao público para que o gabinete tivesse como se manter por meio do dinheiro das subscrições.

Odessa também possuía um grande número de imigrantes em meio à sua população, o que pode explicar a presença de livros em alemão, polonês, dinamarquês, grego e búlgaro no catálogo. Outro fator que merece destaque é a presença do esperanto, língua artificial criada por Lazaro Zamenhof, que nasceu na cidade polonesa de Bialystok, em 1859, quando ela ainda fazia parte do Império Russo. O primeiro livro sobre essa língua, que tinha o objetivo de se tornar uma linguagem universal, foi publicado em 1887, em Varsóvia (KISELMAN, 2008). Dois dos romances presentes na Biblioteca de Odessa foram escritos originalmente em esperanto: *Du mirrakontoj* [Duas História Incríveis], de Otto Zeidlitz e *Em la Brikejo* [No Tijolo], de Józef Wasniewski, ambas publicadas em 1898, em Nuremberg.

O Gabinete Português, por outro lado, não conta com nenhuma obra em esperanto e em muitas das línguas presentes na biblioteca de Odessa, como o russo, o dinamarquês, o búlgaro e o polonês. Esses dados mostram como as línguas de edição presentes em uma biblioteca têm uma relação direta com o local em que elas foram construídas e com o seu público. Isso explica também o grande número de obras em língua portuguesa nesse estabelecimento, criado principalmente para manter ativa a cultura lusitana no Brasil. No entanto, não é possível deixar de apontar o quanto é curioso que uma biblioteca criada para o convívio com a cultura portuguesa contenha mais obras em francês do que em português. Outro fator interessante é que, da maioria das obras que estão em português no catálogo, a maioria é fruto de traduções e não de produções originalmente escritas nessa língua. Muitos livros que estão em português no gabinete foram escritos originalmente em francês (1189 títulos), espanhol (141), inglês (140), alemão (29) e italiano (28). Esses dados mostram o quanto o Rio de Janeiro fez parte, ao longo do período de formação da biblioteca, de um contexto mais amplo de circulação de impressos, que envolvia principalmente os países europeus e que permitia a tradução de títulos originalmente escritos em outras línguas.

A biblioteca russa, ao contrário da brasileira, conta majoritariamente com obras escritas na língua falada no Império em que ela se encontra. Isso pode ser consequência do fato de que, no momento em que a biblioteca foi criada, o Império Russo estivesse

passando por um período de valorização da cultura nacional⁶. Ainda assim, a presença do francês também é muito grande nessa biblioteca, o que mostra que a França agia, tanto no Brasil como na Rússia, como grande produtora e mediadora da circulação de romances no século XIX. Além disso, também há uma quantidade considerável de romances em russo que são fruto de traduções de obras escritas originalmente em outras línguas, como o francês (102 títulos), o inglês (75 títulos), o alemão (25), o italiano (11) e o espanhol (06). Essas línguas são semelhantes àquelas que foram origem das traduções presentes no Gabinete Português, o que é um indício de que os impérios russo e brasileiro estavam inseridos em uma mesma rede de circulação de romances.

De qualquer maneira, as informações sobre a variedade das línguas de edições presente nas bibliotecas vão de encontro às ideias que normalmente são transmitidas pelas histórias literárias tradicionais, como a divisão das obras por nacionalidade e por língua. Esse tipo de divisão nos induz a pensar que a literatura predominantemente consumida nos países em um determinado período foi produzida naquele país e publicada na língua oficial daquele território. No entanto, como foi possível observar a partir dos gráficos, não é isso o que acontece. Afinal, o francês estava presente com grande destaque tanto na biblioteca de Odessa quanto na do Rio de Janeiro, que também contava com edições e traduções para outras línguas, o que revela que ao menos parte das pessoas que frequentavam esses estabelecimentos conseguiriam ler esses romances.

Outra ideia muito comum nas histórias literárias é a importância da “cor local” para o público leitor. Segundo Regina Zilberman (2013), é muito comum na historiografia literária a ideia de que “a cor local atesta o caráter nacional, e a manifestação desse afiança a qualidade, mesmo quando falham os elementos composicionais” (ZILBERMAN, 2013). No entanto, para o público leitor, esse aspecto parece não ser de grande relevância. Afinal, tanto a Rússia quanto o Brasil pareciam contar com leitores que eram capazes de ler em francês e em outras línguas, e gostavam de romances estrangeiros, que se passavam em paisagens diferentes das do seu país.

O contato desses dois países com a literatura estrangeira fica ainda mais claro ao analisarmos os autores mais presentes nos catálogos, que podem ser observados na tabela abaixo:

⁶ Sobre isso, ver: FIGES, Orlando. *Uma História cultural da Rússia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

Nome	Número de Obras
Alexandre Dumas	240 (4,1%)
Paul de Kock	152 (2,6%)
Xavier de Montépin	134 (2,3%)
Camilo Castelo Branco	106 (1,8%)
Pierre Alexis de Ponson du Terrail	103 (1,8%)
Paul Féval	99 (1,7%)
Eugène Sue	85 (1,4%)
Jules Verne	67 (1,14%)
Émile Zola	63 (1,08%)
Enrique Pérez Escrich	51 (0,9%)
Frédéric Soulié	51 (0,9%)
George Sand	51 (0,9%)

Tabela 1: Autores mais presentes no Gabinete Português de Leitura

Nome	Número de obras
Walter Scott	61 (2,8%)
Charles Dickens	45 (2,06%)
Alexandre Dumas	28 (1,28%)
George Sand	26 (1,19%)
Émile Zola	26 (1,19%)
Victor Hugo	24 (1,1%)
Liev Tolstoi	22 (1,1%)
Alphonse Daudet	19 (0,9%)
Edward Bulwer Lytton	18 (0,8%)
Paul de Kock	18 (0,8%)
M. E. Saltykov	16 (0,7%)

Tabela 2: Autores mais presentes na Biblioteca Pública de Odessa

Ao observar as tabelas, fica claro, mais uma vez, a internacionalização dos acervos da Biblioteca Pública de Odessa e do Gabinete Português de Leitura. Não é possível deixar de reparar em alguns pontos, como a grande presença de escritores franceses nos estabelecimentos. Afinal, entre os 10 escritores mais presentes nos dois catálogos encontram-se nomes como Alexandre Dumas, Paul de Kock, Émile Zola e

George Sand. Todos eles foram escritores de bastante sucesso e suas obras são as que mais se destacam em muitos dos estudos sobre a circulação de romances no século XIX⁷. Alexandre Paixão (2012) menciona, em sua tese, a predominância das obras de Dumas no Gabinete Português de Leitura, bem como a possibilidade de que seus romances agradassem ao público que frequentava o local. Juliana Maia de Queiroz (2008), em sua pesquisa, também constatou a predominância de Dumas, Féval, Sand, Sue e Kock nos catálogos da livraria Garnier. Esses escritores também estão entre os que mais aparecem nos catálogos de bibliotecas analisados por Nelson Schapochnik (1999), e os livros de Dumas e Sue são os que mais eram pedidos na Biblioteca Nacional entre 1849 e 1856, segundo a pesquisa de Débora Rocha (2011). Por fim, Andréa Müller, em seu estudo, destaca Dumas, Balzac, Sue e Kock como os escritores mais anunciados em 1857 no *Jornal do Commercio*.

Esses dados mostram o quanto os romances desses autores franceses circularam amplamente no século XIX, o que permite compreender por que eles se destacam nas duas bibliotecas. Além disso, o fato de muitos autores franceses de folhetim estarem presentes nessas tabelas é uma evidência do quanto esse tipo de publicação fez sucesso após a sua criação, em 1836, alterando a maneira como as obras ficcionais eram lidas, e assim favorecendo a proliferação das obras de alguns escritores específicos em diferentes partes do mundo⁸.

Esses dados permitem perceber, além disso, o quanto a França funcionou como um elo entre os países no século XIX e início do século XX, mesmo quando eles eram geograficamente bastante distantes, como a Rússia e o Brasil. Isso fez com que os autores mencionados acima fossem os responsáveis por grande parte dos 387 títulos que as duas bibliotecas têm em comum, entre os quais se encontram 19 títulos de Alexandre Dumas, 13 de Paul de Kock, 12 de Émile Zola, 7 de George Sand e um de Paul Féval, Xavier de Montépin e Frédéric Soulié.

Também existem algumas diferenças nos catálogos que merecem ser mencionadas. É possível perceber, por exemplo, que a biblioteca localizada no Brasil conta com a presença de escritores como Camilo Castelo Branco, que possui 106 obras no catálogo, todas em língua portuguesa e importadas, em grande parte, de Lisboa e do

⁷ Sobre isso, ver: ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

⁸ Sobre isso, ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Porto. Esse autor português fez muito sucesso em Portugal e teve uma ampla produção de romances no século XIX (OLIVEIRA, 2015), o que justifica sua presença na biblioteca.

Porém, o sucesso desse escritor lusitano não fez com que ele estivesse presente na biblioteca de Odessa, que não contém obras de nenhum escritor brasileiro ou português. No entanto, o oposto também ocorre. Na biblioteca da Rússia, é possível notar a presença de autores como Liev Tolstói e Mikhail Ievgrafovitch Saltykov-Schedrin, que não estão na biblioteca do Brasil. Apesar disso, Tolstói, que é o autor que mais se destaca entre esses três, foi um dos escritores russos mais consagrados e teve um papel importante no movimento de valorização da cultura nacional da Rússia após 1812, momento que ele retratou em *Guerra e Paz*, um dos seus romances mais famosos. Saltykov-Schedrin também teve uma grande produção e publicou livros que retratavam a realidade vivida por seu país.

Essas diferenças entre as duas bibliotecas mostram, mais uma vez, como o local onde a biblioteca está estabelecida e seu público leitor influenciam na formação de seu acervo e nas obras que circulam em cada país. Também é interessante notar como as semelhanças entre os catálogos não significam necessariamente que os leitores que frequentavam as bibliotecas públicas do Brasil e da Rússia estivessem em contato com as obras produzidas nos países uns dos outros. Elas mostram, no entanto, que os dois países, apesar de suas diferenças, compartilhavam conhecimentos e preferências de leitura – vindas principalmente da produção de livros da França –, e faziam parte de um mesmo contexto de circulação de romances. Afinal, esses e outros países estavam conectados por meio de uma cultura em comum, que uniu grande parte do mundo ocidental ao longo do século XIX e no início do século XX.

Referências

Fontes primárias:

Catálogo do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Do Jornal do Comércio de Rodrigues & C, 1906.

Catalogue de la Bibliothèque Publique de la ville d'Odessa. Odessa: Imprimerie Slave, 1903.

Katalog Odesskoï gorodskoï publichnoï biblioteki. [Catálogo da Biblioteca Pública de Odessa]. Odessa: Slaviānskaia" tip. N. Khrisogelos, 1901

Livros e artigos:

ABREU, Márcia (org.). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

_____ (org.). *Romances em movimento: A Circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016.

ENDERS, Armelle. *A História do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Gryphus editora, 2015.

FIGES, Orlando. *Uma História cultural da Rússia*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

HERLIHY, Patricia. *Odessa: A History (1794-1914)*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

KISELMAN, Christer. *Esperanto: Its Origins and early history*. Prace Komisji Spraw Europejskich PAU. Cracóvia: Polska Akademia Umiejetnosci, 2008.

OLIVEIRA, Paulo Motta. *Algumas afinidades: Alexandre Dumas, Camilo Castelo Branco e Machado de Assis*. Machado Assis Linha. São Paulo, v. 8, n. 15, p. 10-25, June 2015.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Elementos constitutivos para o estudo do público literário no Rio de Janeiro e em São Paulo no Segundo Reinado*. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

QUEIRÓZ, Juliana Maia. “Em busca de romances: um passeio por um catálogo da Livraria Garnier”. In: ABREU, Márcia (Org). *Trajetórias do Romance: Circulação, leitura e escritas nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

ROCHA, Débora Cristina Bondance. *Bibliotheca Nacional e Pública do Rio de Janeiro: Um Ambiente para leitores e leituras de romance (1833-1856)*. Dissertação (Mestrado) - Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: Gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em História. Orientador: Prof. Dr. Nicolau Sevcenko. São Paulo, 1999.

SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloisa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.